AVALIAÇÃO DA SEXUALIDADE NO TRANSTORNO DE EXPECTRO AUTISTA NOS ADOLESCENTES

REBECA FERNANDES DE AZEVEDO DANTAS[1]; MARIANA EIRAS CARDOSO CONFORTO[2]; MARIA EDUARDA BARILLARI CANO[3] PATRÍCIA DE OLIVEIRA ARRUDA[1]; MARIA EDUARDA BARACUHY CRUZ CHAVES[2]; ; THAIS REGINA SANTOS[4]

Universidade Estácio de Sá[1]; Fundação Técnico Educacional Souza Marquez[2]; Faculdade de Ciências Médicas de Juiz de Fora - Suprema[3]; Centro Universitário de João Pessoa[4] ; Universidade Metropolitana de Santos[5]

INTRODUÇÃO

O Transtorno de Espectro Autismo (TEA) compromete três áreas de desenvolvimento, resultando em dificuldade de comunicação, socialização, padrão de comportamento restritivo e repetitivo. Estima-se que a prevalência do TEA na população geral pode superior a 1%, acometendo mais sexo masculino, do que feminino. Nesse contexto, mudanças recentes na cultura sexual e atitudes em relação à sexualidade quando comparado ao sexo biológico de indivíduos com autismo, começaram a desafiar equívocos originais da sexualidade e desencadear novas pesquisas de interesse no comportamento sexual deste grupo.

OBJETIVO

Avaliar as diferenças entre os sexos biológicos, no comportamento sexual autista na adolescência.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizada uma revisão sistemática da literatura utilizando artigos publicados originalmente em inglês, português e espanhol do período de 2015 a 2022, usando as bases de dados: PubMed, MedLine, Scielo e LILACS

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Inicialmente, foram encontrados 235 estudos, mas com a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, apenas sete artigos fizeram parte do escopo e análise final. Quanto ao interesse sexual por sexo biologicamente atribuído entre os indivíduos com autismo, constatou-se maior frequência interesse sexual entre homens autistas (85%) do que mulheres autistas (72%), visto que as mulheres conseguem camuflar mais seu desejo e comportamento diante das imposições sociais.

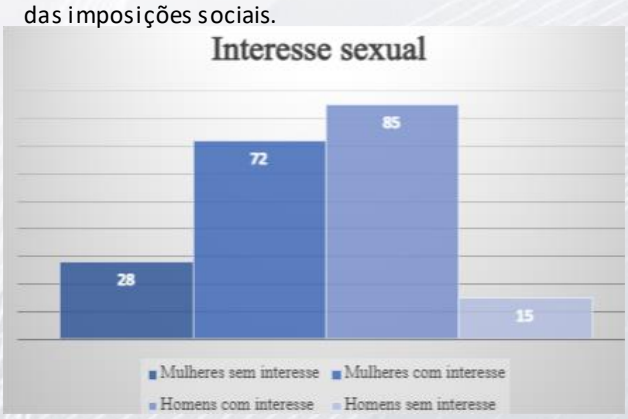

Gráfico 1: Mostrando o interesse sexual em homens e mulheres com e sem autismo

No entanto, a existência de uma experiência sexual foi relatada mais por mulheres (40%) do que homens (22%), principalmente devido à diversidade da orientação sexual.

Vale ressaltar que a porcentagem de meninas autistas foi maior do que em meninos autistas em relação ao namoro tanto passado quanto presente.

Gráfico 2: Evidenciando as experiências negativas tanto em meninas quanto em meninas autistas, nos grupos com menores relatos e maiores relatos

No que tange às experiências sexuais negativas, observa-se que as proporções em meninas (entre 25 e 52%) é mais relevante do que em meninos (entre 7 e 15%), principalmente quando há uma diversidade na orientação sexual, somado a diversos fatores, tais como: insegurança, menor autoestima, subestimação das experiências sexuais pelos pais, além do próprio desconhecimento sobre tal. Uma das dimensões da experiência sexual negativa, é mais frequente em mulheres (52%-65%) do que em homens (32%-38%), sendo que 60% das mulheres autistas relataram consentimento a um evento sexual indesejado.

Gráfico 3: Mostrando o arrependimento após experiencia sexual em mulheres e homens autistas, nos grupos de menores e maiores ocorrências.

Ademais, indivíduos autistas no geral mostraram grande preocupação a respeito da interpretação da sua vida sexual pela sociedade.

Assim, observa-se que a sexualidade nas mulheres autistas, em sua maioria, têm impactos negativos, quando comparados aos homens autistas. Além disso, é necessário envolver os pais e os profissionais da saúde e educação a fim de reconhecer e abordar sobre o assunto, visto que isso é fundamental para conhecimento do próprio corpo, compreender limites, aumentar a segurança pessoal e relacionamentos futuros.